



STARLIGHT GUARDIANS

THE ANIMA CHRONICLES S01E05

PT



A espinha do céu, sob um martelo.

Centelhas oblíquas através da curva da atmosfera. Terra abaixo,
magnificamente indiferente.



Catedral do Momentum.

Trabalhadores Nascidos-do-Vazio flutuam em espirais lentas, seus membros alongados e dedos preêenseis agarrando estruturas com facilidade praticada, botas magnéticas clicando notas mecânicas singulares contra o aço enquanto se impelem em direção aos cargueiros deixando um rastro de vapor de refrigerante.

Uma tocha de soldador se acende no crepúsculo da estação, centelhas se espalhando em três dimensões como um enxame de insetos luminosos, cada brasa derivando independentemente até que campos Magnética azuis as corralam em fluxos ordenados que serpentear em direção aos dutos de coleta.



Noventa e sete anos de respiração reciclada. Dois mil exilados. Zero comportas de ar.

Os fatos cresceram dentro deles. A linguagem afastou-se de todos os outros.

Durante noventa segundos, o sol encontra-o— uma cicatriz descarada e apaixonada, remendada para reaproveitamento parafuso a parafuso, arrastando-se em direção a algo que se assemelha a uma catedral.



Estação Vórtice — soberana vivida da órbita elevada.
Cada respiração aqui tem seu preço. Os registros nunca dormem.
O raio azul se mantém. Por enquanto.



Hub-7, Estação Vórtice. Arredores da Ninharia.

Um traçador Magnética — azul sepulcral, improvisado, irredutível — corta o vácuo onde nada deveria se mover.

A bota da técnica Nascida-do-Vazio se ergue uma polegada instintiva. Sua mente não acompanhou. Seu corpo já sabia.

Tudo aquilo que fugiu para os módulos abandonados não era mecânico. Teciou. Escolheu. Partiu.



Registro da Borda Soldada — placas de casco marcadas com os anos dos mortos.

Magnetica agita os parafusos soltos em órbita. A estação respira através de suas mãos.

Em algum lugar abaixo: íons reciclados, acetileno, o zumbido inextinguível do ar emprestado.

Nascidos do Vácuo. Corajosamente imóveis à beira de tudo.



Os trabalhadores permanecem perfeitamente imóveis, trajes de pressão depressurizados, botas magnéticas travadas na placa do convés, o hálito visível no ar reciclado e gelado enquanto aguardam o pulso de ressonância que sinalizará passagem segura pelo túnel maglev além.

Atrás deles, ou talvez impossivelmente ao lado deles nesta perspectiva comprimida, uma porta de baía de carregamento permanece teimosamente entreaberta—seu marco de vinte metros reduzido a um fino traço vertical de iluminação de segurança laranja que corta o desolado industrial monocromático.



DECK 4
COMMAND

...research.



LOGIC IS
SOUND
COMPASSION
IS REAL

INSTITUTION
AVOIDS
MORAL CHOICE

VORTEX STATION,
ETHICS MATRIX

MASS REVIVAL
3,520 DEAD

SELECTIVE EUTHANASIA
INSTITUTIONAL MURDER

CONTINUED SUSPENSION
EXPONENTIAL COST

TRANSPARENCY
SYSTEMIC COLLAPSE

NO OPTION
PRESERVES VALUES

VOTE
DEFERRED

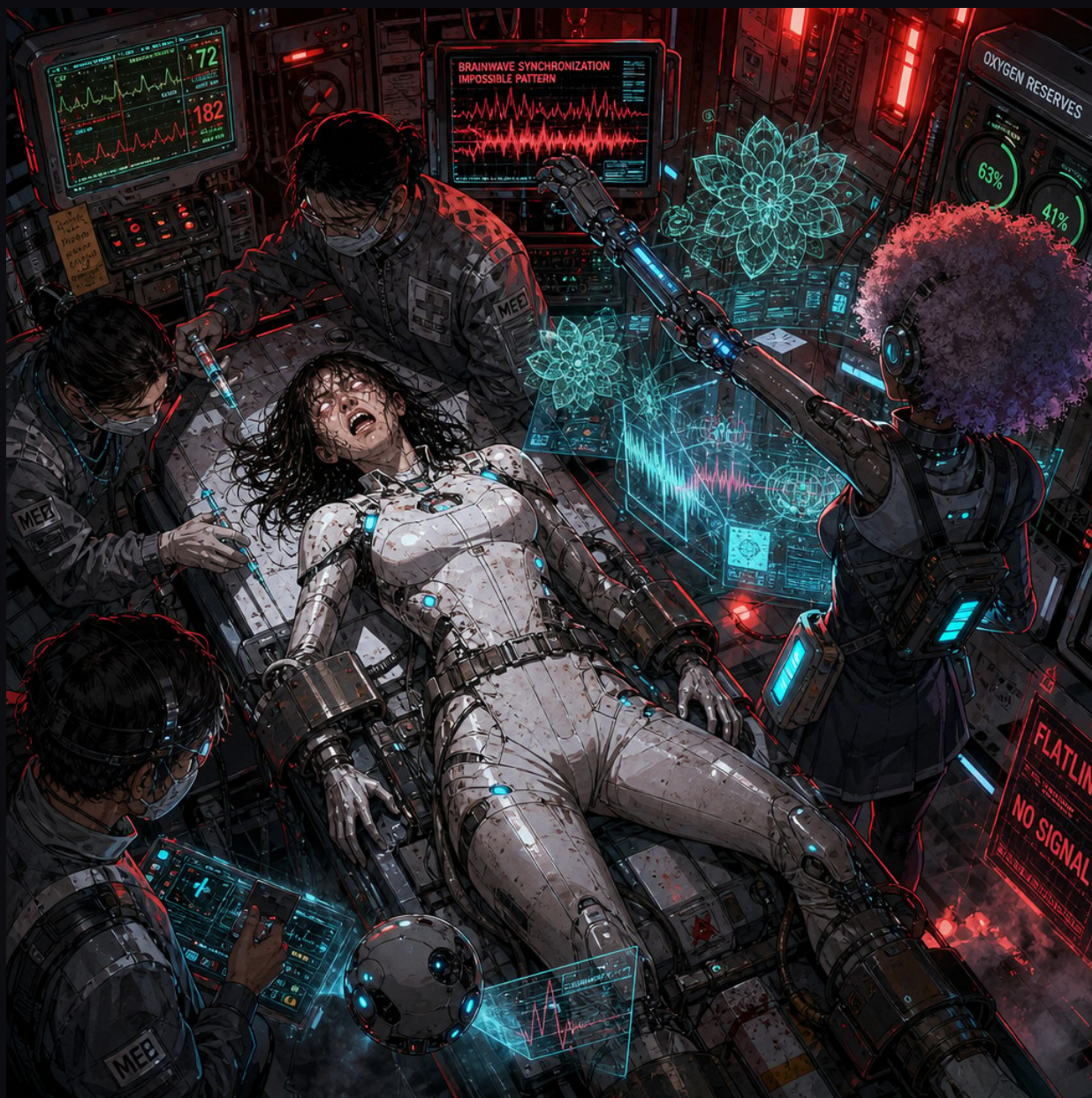
RESEARCH
EXTENDED
INDEFINITELY

Convés 4 Comando. 312 anos de acerto adiado.

Quatro escolhas. Cada uma, uma forma diferente de ruína.

Alguém diz 'pesquisa.' O voto se dissolve no ar depurado.

Abaixo, em fileiras geométricas, o peso congelado de cada adiamento —
milhares de corpos suspensos em limbo de Crédito-Oxigênio, imaculados e
desatendidos.



A enfermaria exala antisséptico e ozônio queimado — paredes alinhadas com cápsulas diagnósticas salvas, suas telas piscando entre sinais vitais verdes e avisos carmesim enquanto a Dra. Chen convulsiona na maca, as contenções magnéticas estralando tensas contra seus pulsos.

Ela é a primeira a regressar...

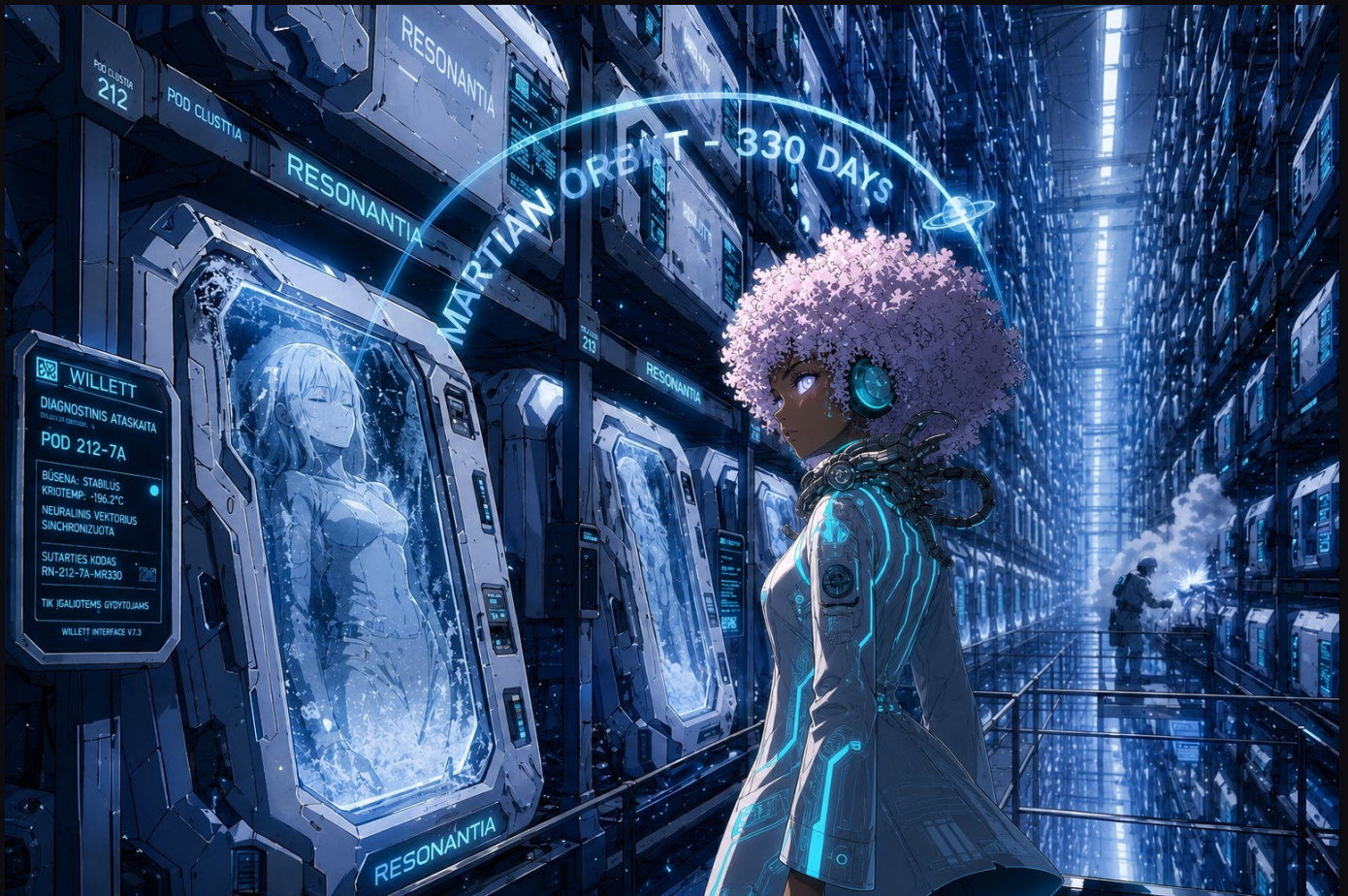


493 manhãs de genuflexão — a 494^a, um roubo.

Cápsula 847. Calor roubado, achatado contra a fria doutrina da sua ordem.

Ela não escreveu desculpa alguma. Não o fará.

O código de autorização brilha. Sua mão ergue-se. Consequência, enfim, escolhida.



A Catedral do Adormecido se estendia além da compreensão humana.

Onde quatro mil caixões de vidro refletiam luz de preservação em recursão azul infinita.

Kaori na passarela de observação, seu implante de pulso sangrando créditos de oxigênio a cada respiração, observando padrões de geada se contorcerem pela superfície do cilindro mais próximo como cifra viva.



Trezentos anos aqueles adormecidos aguardavam, dívidas congeladas de séculos atrás.

Agora seus sinais vitais ascendiam sem permissão.

Tempestades REM visíveis através de pálpebras translúcidas, dedos tremendo contra contenções, corpos tentando ressurreição que a Diretoria mal podia custear.



ESTAÇÃO VÓRTICE — NÍVEL CRIOGÉNICO NOVE

Com firmeza, os adormecidos mantêm a sua vigília gelada.

Duas mentes resolutas. Uma pergunta insondável.

Os sonhos mais malditos começam antes mesmo de o despertar começar.



Uma catedral de frio. 250 corpos suspensos na mesma pose. A precisão geométrica do seu arranjo sugere coreografia em vez de armazenamento.

Kaori move-se pela baía. Sua Visão-Verdadeira capta o que os instrumentos não conseguem: As assinaturas de Anima não estão em silêncio. Elas estão estriadas.

Cada forma congelada está inscrita com anéis dourados ténues de energia Chrono, ondulando para fora em padrões que sugerem não a morte, mas uma cerimónia de espera, rigorosamente mantida.

250 corpos suspensos, girando juntos em alguma dimensão de estufa. Kaori está a chorar. As lágrimas cristalizam antes de cair. Estes dormentes não estão a sonhar sozinhos.

Seu implante neural ativa-se. Gravando. A assinatura harmónica. O que ela testemunhou aqui ditará o arco do que virá a seguir.



A AMARRAÇÃO A VELUDO DOS EXILADOS

Ela deixou a Terra em 2147. Cada alma que amou envelheceu e morreu enquanto ela ainda se tornava.

Na Estação Vórtice, o ar compra-se à custa do próprio fôlego. O tempo, ela aprendeu há muito, não pode ser comprado de volta.

As estrelas não se movem. Ela também não. A multidão reparte o seu terror numa retirada elegante, banhada em luz dourada — e o contador de oxigénio continua a marcar, indiferente como um éon.



Três almas sob uma unidade despedaçada — a luz do amanhecer terrestre curvando-se na escuridão além do vidro.

Duas palavras, ar reciclado, o fedor de ozônio e lubrificante: o aposta mais incomum que um tecno-salto cicatrizado jamais ousará fazer.

Vitalis não permite hesitação. Esmeralda irrompe pelos seus antebraços antes que ela possa escolher o silêncio. O corpo, sempre uma revelação.

Entre eles, um campo de destroços flutua em queda livre — prova de que algumas confissões, uma vez libertadas no vazio, não podem ser revogadas.



Meio segundo. Cada pico de cortisol, cada respiração reciclada, cada ineficiência assinalada — renderizados em âmbar e ferro, indiferentes como uma constelação.

Ela passa. As paredes fecham-se um pouco mais apertadas. Atrás dela, a íris abre-se de novo.



Kaori senta-se sozinha no corredor de manutenção da Estação Vórtice.

A Ligação de seu corpo queima através das reservas; seu comunicador hiperspace integrado ao implante de seu pulso está quente o bastante para queimar.

Os dados de ressurreição do Dr. Chen ainda inundando através dela em pulsos criptografados.

'Eles estão despertando,' ela sussurra para o ar morto do corredor, sua voz firme mas carregada de algo inexprimível — culpa, medo, dever — enquanto observa o reflexo fantasmagórico de si mesma na parede de cerâmica negra.



Estação Vórtex, Setor Agrícola Terciário — a Catedral de Algas.

Dez mil organismos queimando febre metabólica em radiância suave. Sem lâmpada. Sem artifício. Apenas a lógica insaciável da vida recusando a inércia.

Figuras espectrais em botas magnéticas tendem o celeiro do vazio — suas sombras lançadas para cima, devotas e desajeitadas, como um mosaico de algo mais antigo que os ossos soldados da estação.

Cada fóton: uma prova de existência contra a escuridão pressionando de cima.



Convés 17. Três rotações atrasadas.

A escotilha deveria ter sido soldada.

Os nós dos dedos de Karthian ficam brancos — como se a válvula sozinha pudesse ancorá-los a algo real.

Acima da catedral de vigas, o espectro de Energia corre pela aço nu. Paciente. Despretensioso. Observando.



Vitalis roubado. Um irmão congelado em pleno Esgotamento, veias carbonizadas em silêncio.

Três silhuetas. Um frasco. A ala biológica prende a respiração.

Lei Bruta injetada em um sistema nervoso despedaçado — ressurreição, ou aniquilação.

Sua mão se estabiliza. A estação range. O vazio sempre foi paciente.



ESTAÇÃO VÓRTEX — NÚCLEO ÔCO, TABERNA EM ZERO-G

Aqui, cada respiração exalada custa algo. Cada gole tem gosto de cobre e geometria.

A barista do Vazio pluck um tremendo grão de vinho de alga do ar — seus dedos alongados roçando a imobilidade fervilhante como um chagal à beira de um festim.

Abaixo da escotilha arranhada, a Terra gira com a indiferença pungente de um planeta que já te banziu.



O criossarcófago do Adormecido inerte sibila aberto na Baía 17, liberando uma pluma de vapor que congelou instantaneamente no ar não-aquecido da estação.

Uma técnica Nascida-do-Vazio—tão alta quanto uma reentrância de porta, com olhos-espelho refletindo as luzes de aviso âmbar do pod—move-se para silenciar o alarme, botas magnéticas ecoando contra o chão de grades metálicas.

'Alocação de oxigênio: insuficiente', o sistema entoou, sua voz um monótono que parecia zombar do homem ofegante no interior, seus pulmões trabalhando contra um ar que não existia.

A mão enluvada da técnica toca o comando manual de sobrescrita; atrás dela, dezessete pods mais alinhavam-se pela parede, as leituras biométricas de seus ocupantes começando a se elevar em resposta simpática.



Fora do visor reforçado, a Terra gira indiferente;

Dentro, ela ensaia sua mensagem criptografada para a Diretoria da Cidade Cratera:

Dra. Chen está lúcida. Memórias intactas. A integração da consciência coletiva está acelerando. Os adormecidos estão se tornando algo novo.

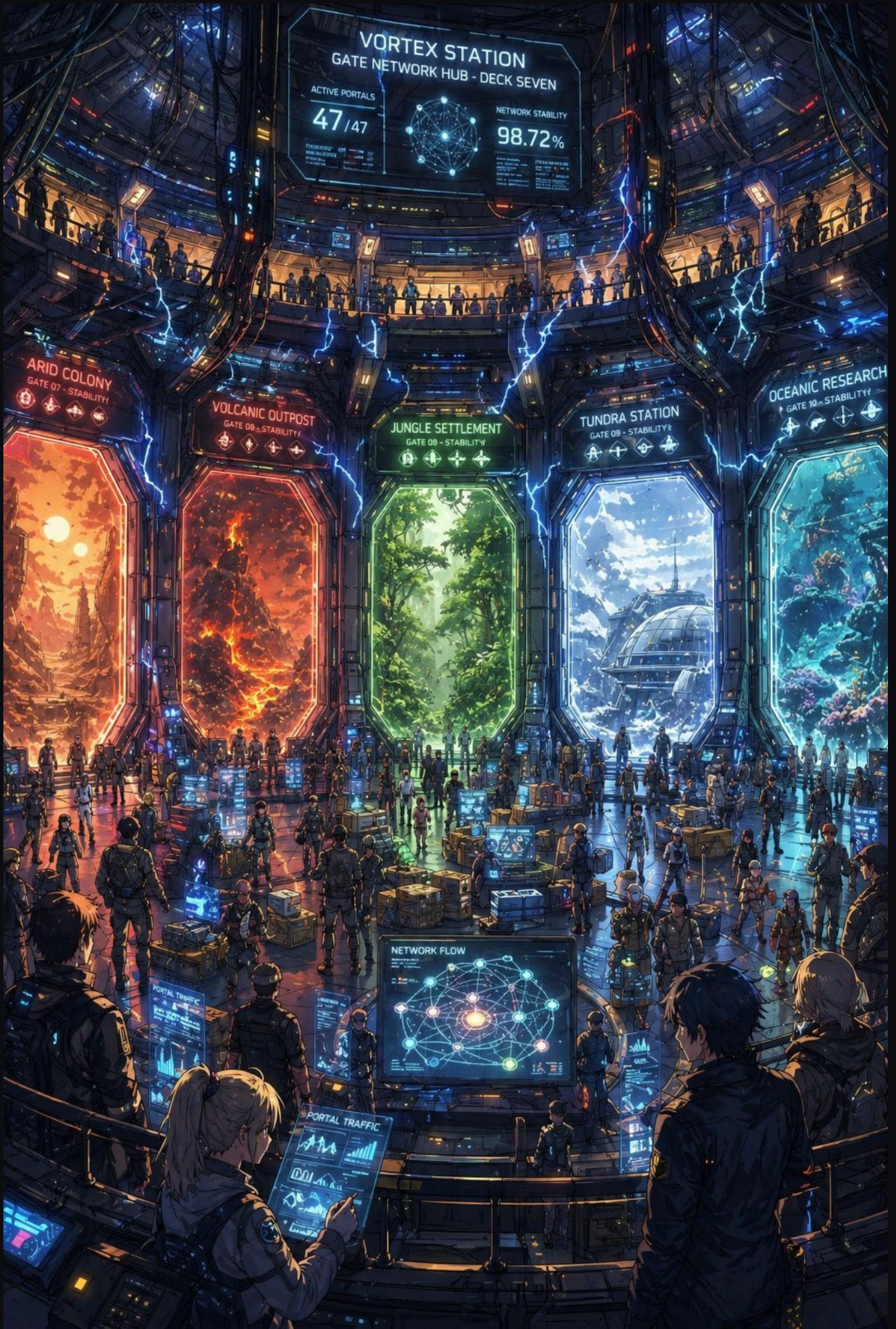


Quatro figuras. Quatro vigílias. Uma noite impossível.

Taro arde e, deixada para trás, está Cidade da Cratera — Energia a traçar o custo de cada vínculo que ele não conseguiu manter.

Eve observa as torres de Nova Terra da extremidade mais remota. Kaori vê a Terra tornar-se pequena. Mira escreve palavras que se esgotam no calor.

Sobre todos eles, o Guia Dragão enrosca-se através da pressão e do vento — ancestral, inabalável, indescritível na sua paciência — semeando nada além da longa lembrança de que ainda estão aqui.



Quarenta e sete portais. Quarenta e sete versões do além.

Ocre desértico na manga de um viajante. Geada ainda agarrada ao visor de um técnico. Umidade da selva sangrando através de um marco verde-jade.

Spatia curva a geometria. Energia sustenta a costura. Ozônio e cobre queimado — o cheiro da distância tecida.

O coração pulsante da Estação Vórtex: prova de que o desespero, honestamente compartilhado, pode tecer almas dispersas em algo que se assemelha à inteireza.

Dobrando o espaço em segundos...